

DORA KRAMER

COISAS DA POLÍTICA

A falta que o vice não faz

Está passando da hora de se imprimir um pouco mais de seriedade e senso de realidade ao debate sucessório no que tange à discussão sobre a disputa da vaga de candidato a vice-presidente. Se não, vejamos: quantos votos mesmo Marco Maciel deu a Fernando Henrique Cardoso e que grande contribuição o cargo de vice deu à carreira política de Marco Maciel? FH ainda se beneficiou da estrutura do PFL, mas Maciel sofreu forte subtração eleitoral.

Está como o Nestor para quem, na canção, pede-se a Antonico que lhe preste socorro: em grandes dificuldades. Deve por isso, abster-se de disputar votos em Pernambuco para ocupar provavelmente uma vaga no Supremo Tribunal Federal. O que não desabona em nada Marco Maciel, ao contrário, foi e é o vice dos sonhos de qualquer presidente: fiel, discreto sem deixar de ser atuante. Mas no bastidor.

E aí é que reside a impossibilidade real de permanecermos presos ao raciocínio de que figuras como Roseana Sarney ou Jarbas Vasconcellos possam ambicionar para os próximos oito anos (para argumentar com a hipótese permitida por lei) a condição de sombra.

Os partidos, PMDB e PFL, obviamente querem o cargo. Como também é óbvio que alianças rendem ganhos eleitorais. É bastante provável que o partido parceiro de chapa agregue votos ao titular. Mas isso não guarda, necessariamente, relação com o nome de quem é escalado para a missão.

Por mais que seja robusta uma chapa de dois grandes nomes, essa robustez, além de nem sempre ser eficaz (a parceria Lula-Brizola comprova a tese), tem prazo de validade. Que se expira no dia mesmo da posse. O eleitor não vota em vice, vota no presidente. Isso é um fato. E o vice, pela própria natureza da função, tem a obrigação constitucional e pessoal de aparecer o menos possível e atuar, de público, apenas quando se apresente uma necessidade específica.

Ora, seria absurdo imaginar que dois partidos como o PFL e o PMDB, que estão necessitando de novas referências de imagem junto à sociedade, admittissem jogar exatamente as duas melhores figuras de que dispõem num cargo que se exerce quase às escondidas.

Tanto Roseana Sarney, para o PFL, quanto Jarbas Vasconcellos, para o PMDB, só funcionam se tiverem exposição máxima. E, para isso, ou precisariam ser candidatos à presidência ou se eleger senadores para, daquela tribuna, ajudarem a conduzir os processos de reconstrução interna, depois que a briga de Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho os levou ao desgaste total.

Não é por outro motivo que ambos insistem em dizer que não estão dispostos ao papel de coadjuvantes. Não se trata de arrogância de nenhum dos dois, mas de consciência do papel que representam e ainda podem representar para suas respectivas legendas.

Da mesma forma, para os partidos é mais negócio preservar suas jóias da coroa e escolher alguém que some o valor específico que se espera de um vice — também não pode ser qualquer um que tenha má figura e se transforme numa arma para o adversário, tirando o foco de cima do candidato principal.

Em resumo, principalmente nessa eleição, nenhum partido poderá desperdiçar os quadros de boa aceitação popular. Considerando que esse tipo de pedra preciosa anda em falta no mercado da política, para ocupar a vaga do vice, a munição nem precisa ser de prata. Embora não possa também se constituir numa bala de festim.